

# Laís descasca o abacaxi

JAMIL BITTAR

■ Uma semana depois do encerramento do Flaac a secretária de Cultura revela ao **CORREIO** os bastidores do Festival

Cláudio Ferreira

**Que avaliação a senhora faz do II Festival Latino-Americano de Arte e Cultura?**

Nós poderíamos ter tido um festival com uma organização maior, com uma tranquilidade maior se nós tivéssemos tido respaldo financeiro. Para mim, o problema básico foi econômico. No festival passado, em 1987, tivemos muitas dificuldades também, mas como nós fizemos o trabalho artesanalmente desde o início, houve possibilidade de chegar ao público de forma artesanal. Este ano, houve o início de uma mídia nacional e local. Como isso foi parado de repente, você deu insegurança ao público, por isso tivemos espaços esvaziados, e coisas tão lindas como Susanne Alexandre, do México, e o Balé Contemporâneo de Barcelona...

**O que parece é que o festival foi uma coisa grande demais, até megalômana...**

Se você pegar o programa do I Flaac verá que este não foi maior. Nós ocupamos todo o Parque da Cidade no primeiro, neste não. Da outra vez, ocupamos a Caixa Econômica com todos os seus espaços, o Banco Central, o Centro de Convenções inteiro, o Teatro Nacional, o Gran Circo Lar. Este ano não ocupamos estes espaços, tínhamos a UnB paralisada...

**Brasília tem espaço para um evento como este?**

Brasília tem espaço para muito mais. Mas tivemos muitos problemas. Toda a nossa correspondência para o exterior, por um motivo milagroso, não chegou a nenhuma embaixada brasileira no exterior. Toda a nossa divulgação no exterior só foi feita através das embaixadas estrangeiras no Brasil. As nossas embaixadas não receberam nenhum material e nós soubemos disso 15 dias antes do festival. Como você pode ter presença onde não houve divulgação?

**Vamos fazer agora uma avaliação econômica do Flaac. Quanto custou o evento? A gente imagina que tenha dado prejuízo. O Festival balançou financeiramente a área de cultura?**

Nós tínhamos um orçamento prévio de NCz\$ 6 milhões 500 mil, mais houve um enxugamento da proposta, porque este orçamento pressupunha um fluxo de caixa para o fechamento dos contratos com fornecedores que antecedessem a subida do custo de vida. Com a inflação de julho, os NCz\$ 6 milhões e meio iriam passar para NCz\$ 12 milhões. O orçamento final ficou em NCz\$ 4 milhões. Acontece que os grandes shows eram o chamamento do público jovem que viria para o camping, e com a parte subsidiada do passaporte iríamos pagar as despesas do festival...

**Foi aí que aconteceu a Operação Desmonte...**

Inicialmente pensaram em cortar cinco áreas, mas isso iria significar um escândalo internacional. Por exemplo, a Bolívia não veio. Por que se enraiveceu? Não, porque houve uma situação muito vexatória, determinados grupos estavam organizados para o festival e tiveram que ser cortados. No Equador havia pichações em relação ao Flaac. Por que não diminuimos mais? Para não causar problemas políticos maiores para os participantes.

**E como estão as finanças agora? E o prejuízo?**

As verbas não saíram todas. Estamos recebendo ainda verbas do Banco do Brasil, da Caixa Econômica. Com esse dinheiro que ainda está entrando, vamos conseguir fechar as contas do festival. Ah! e temos uma notícia boa: a criação da Fundação Flaac. Será uma fundação com a participação do governo do DF, da Universidade de Brasília e do Ministério da Cultura. Temos um protocolo de intenções assinado e a fundação deverá ter uma presença efetiva de uma equipe para organizar o III Flaac. O governo também está empenhado em pagar a equipe que trabalhou no Flaac e fazer com que ela saia para se especializar em administração, produção e marketing cultural e voltar quente para assumir qualquer tipo de evento.

**A senhora sofreu alguma espécie de boicote durante a realização do Flaac?**

O Flaac foi um momento emocionado e as emoções causam de-



## ESTRATÉGIA DA SECRETÁRIA

Primeiro colocar a casa em ordem — Secretaria e Fundação — e depois criar o conselho de Cultura

Uma boa notícia: vamos criar a Fundação Flaac. Será uma fundação com a participação do Governo do DF, da Universidade de Brasília e do Ministério da Cultura

Deixou de acontecer? O Pierre é músico da cidade e a cidade conhece ele como músico, tanto que quando ele cantou no ParkShopping, no Flaac, houve um início de manifestação que foi abafada pelo próprio público... Como mãe ou secretária, não tenho condições de discriminar ninguém...

**E a fofoca sobre a mesa de 50 canais que estaria no Flaac para a gravação de um disco ao vivo de Pierre?**

Se a mesa de 50 canais tivesse vindo, teríamos aproveitado para gravar o disco do festival. Onde está a mesa? Houve a hipótese de uma gravação ao vivo do disco do festival, mas na reconstrução do som a aparelhagem teve que ser diminuída por causa do custo. O disco do Pierre é uma coisa à parte, entre o Rio e São Paulo.

**Vamos fazer agora uma avaliação dos seus oito meses à frente da Secretaria. Tivemos um Grupo de Trabalho da Cultura, houve propostas como a criação do Conselho de Cultura... O Conselho está pendente, assim como o Museu do Índio, os problemas com o maestro Marlos Nobre...**

Na verdade estamos implantando o sistema de biblioteca e as casas de cultura e fazendo a reestruturação do sistema cultural, o primeiro objetivo do nosso trabalho. Dentro desta reestruturação estão a Fundação, a Secretaria e o Conselho. O governador não tinha interesse em implantar o Conselho enquanto não houvesse uma organização geral. Seria mais um órgão a colidir, como estão colidindo hoje a Secretaria e a Fundação; a Fundação sem funcionamento adequado e a Secretaria assumindo a execução do trabalho.

**Mas o maior problema da Fundação é o seu diretor-executivo. Recentemente foi apresentado um dossiê com algumas irregularidades na gestão dele...**

Nós temos uma comissão e o inquérito já foi concluído. A partir de segunda-feira, uma outra comissão vai prosseguir o trabalho, - uma nova comissão que teve de ser instalada dentro da Fundação. Muito dificilmente alguma secretaria, que encontrou o caos que foi encontrado, todos os espaços arrebatados, conseguiria estar retomando o Planetário e com o Projeto da 508 pronto para ser lançado.

**Nos bastidores do Palácio do Buriti fala-se de uma espécie de réplica, um dossiê em relação à sua administração...**

Se existe um dossiê, ele tem que ser colocado em público da mesma forma que o outro foi colocado. Eu prefiro trabalhar com as coisas que estão claras, com as

cartas que estão sobre a mesa. Eu trabalho com o Conselho Deliberativo da Fundação, com uma comissão de inquérito, com a Secretaria de Administração, Procuradoria e Assessoria Jurídica, de uma forma leal, com as cartas na mesa.

**Secretária, uma empresa fez uma pesquisa sobre o Flaac e obteve resultados e notas negativas. Que nota a senhora daria para o festival?**

Na verdade, fui procurada por diversas áreas como Artes Plásticas, Arte e Educação, Artesanato, denunciando que a pesquisa estava direcionada para colher resultados negativos. Eu não levo em conta uma pesquisa que é denunciada pelos próprios participantes do Flaac como direcionada. Eu esperava que esta pesquisa fosse de grande utilidade, feita de uma maneira isenta. Eu não considero esta pesquisa. Vamos tentar encontrar os depoimentos através do que cada coordenação de área nos vai passar, dos resultados do trabalho e depoimentos gravados.

**Mesmo assim, sintetize toda a avaliação feita do Flaac em uma nota...**

Se eu te der uma nota negativa eu te dou seis, mas se eu te der uma nota positiva, com a heroicidade daqueles que fizeram o Flaac, dou um oito para o festival.

■ Na página 3 a matéria com a pesquisa da Soma-Opinião e Mercado feita durante o Festival Latino-Americano de Arte e Cultura de 4 a 13 de agosto